



## LINGUAGEM, TEMPO, SUBJETIVAÇÃO

AROLDO GARCIA DOS ANJOS<sup>1</sup>;  
DAIANE NEUMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – aroldodosanjos@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A presente discussão é derivada da dissertação intitulada *Lavrar a névoa: o tempo em Satolep*, de Vitor Ramil, defendida no ano de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação de Daiane Neumann. Este trabalho filia-se ao campo das investigações acerca de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente no que toca à busca de uma reflexão que não separe a linguística e a literatura. Inspirada na aproximação que Giorgio Agamben faz, em *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*, entre as concepções de linguagem de Walter Benjamin e de Émile Benveniste, a exposição tem por objetivo explorar a expressão da temporalidade na obra desses autores. Visando um outro lugar para a experiência humana, Agamben (2008) opõe-se à concepção de uma substância pré-subjetiva ou de um sujeito pré-lingüístico. Para tanto, apoia-se em Benjamin, em sua crítica à expropriação da experiência, e em Benveniste, em sua consideração da linguagem como constituidora da história. Conceber a linguagem em sua dimensão simbólica faz com que ambos autores se contraponham a uma concepção de língua totalizante. Por consequência, presente em suas reflexões, a crítica à instrumentalidade da linguagem traz consigo desdobramentos para a forma como o tempo é concebido: de modo qualitativo, não simplesmente cronológico.

### 2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, será abordada a concepção de linguagem em Benjamin. Para essa discussão, serão de grande valia as leituras de Jeanne Marie Gagnebin (1999, 2005) e de Giorgio Agamben (2008). Oposta ao primado da razão, do sentido uno, da linearidade e da exposição sistemática totalizante, a perspectiva benjaminiana leva em conta a essência linguística do homem e tem a linguagem como constituinte de realidades, uma vez que não a toma como um simples instrumento ou meio para chegar a uma verdade. Serão apresentados, então, elementos da obra de Benjamin acerca do tempo, em especial do conceito de tempo-agora (*Jetztzeit*), pela crítica ao tempo linear e contínuo e pela consideração do presente como repleto de história. Para melhor compreensão dessa concepção particular de temporalidade, conceitos como os de origem (*Ursprung*) – em oposição aos de gênese (*Entstehung*) e de desenvolvimento (*Entwicklung*) – e o de história serão observados.

Em um segundo momento, será apresentada uma leitura de elementos da obra de Émile Benveniste com vistas a explorar a noção de tempo e a ideia de atualização da experiência, tendo em vista a indissociabilidade de subjetividade e linguagem. Para isso, serão revisitados conceitos como os de categoria de pessoa, dêiticos, expressões de temporalidade, discurso como atividade e enunciação.





valores dos elementos linguísticos estão “em um fluxo constante” e que, por essa razão, “também os sistemas que formam os valores e que são formados por eles estão sempre em movimento” (2021, p. 10). Segundo Benveniste (2005, p. 131), em toda tomada da palavra, o mundo recomeça, ainda que o falante comum não o perceba. Dessons (2006, p. 13) argumenta que, nos escritos de Benveniste, o prefixo *re-* possui um peso teórico, pois é portador do valor de iteração e de invenção, assim como os pronomes *je* e *tu*. Tal ideia é derivada do “pensamento da historicidade da linguagem que especifica cada presente de fala” (DESSONS, 2006, p. 14).

Para Benjamin (1987, p. 229-230), o tempo-agora, concebido como uma interrupção brutal do *continuum*, é um instante de intensidade e condensação do passado no agora, do qual emerge o valor político. Dito de maneira simples, o *Jetztzeit* é enunciação, mas nem toda enunciação é um *Jetztzeit*. Pensamos que, como conceito, as particularidades do tempo-agora colocam foco em um aspecto da enunciação, ressaltando seu estatuto semântico-pragmático. Enunciar é agir, mas nem todo agir possui o mesmo valor. Benveniste afirma que só temos acesso ao presente, pois a instância de fala constrói o passado retrospectivamente; Benjamin, por sua vez, frisa que esse presente é repleto de história, uma vez que dialoga com outros discursos que, tendo sua enunciação evanescida, são revisitados, ressignificados. Segundo os autores, temos acesso somente ao presente, mas há a memória, acessada e reconstruída pelo presente, pela voz. O passado que emerge no presente, evocado pela memória, é sempre singular, posto que atualizado pela língua em uma nova instância enunciativa, em um novo tempo e espaço. A enunciação, o tempo da coincidência do acontecimento com a instância de fala, é o tempo da voz, onde há sujeito e, portanto, história. Nesse sentido, Benjamin e Benveniste parecem complementar-se.

#### 4. CONCLUSÕES

Como resultado da provocação de *Satolep* e da pesquisa operada nas obras de Benjamin e de Benveniste, pode-se perceber a emergência de uma concepção de linguagem e de tempo que se afasta de pensamentos essencialistas, assim como o fez Saussure ao ponderar sobre a gênese do pensamento: “surpreendemos, em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2012, p. 164). Na base do pensamento de ambos os autores, encontra-se a reflexão da atualização como um termo maior. A *actualisation* de Benveniste está intimamente ligada aos domínios semiótico e semântico, sendo um elemento que liga as primeiras reflexões de Benveniste sobre os pronomes até a noção de enunciação, em seus últimos escritos, posto que a língua “é a única atualização da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63). A *Aktualisierung* de Benjamin é o que lhe permite metodologicamente pensar um materialismo histórico que tenha aniquilado em si próprio a ideia de progresso: “Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização” (BENJAMIN, 2009, p. 502). O aspecto labiríntico de *Satolep* nos ajuda, nesse percurso, a observar que toda enunciação é interrupção do aparente fluxo linear cronológico, uma vez que funda um novo tempo-espacço, uma nova temporalidade. Em suma, é próprio do homem ressignificar, e podemos falar de subjetividade e de um tempo experienciado, histórico e humano, porque falamos de interrupção do fluxo cronológico, porque falamos justamente de atualização.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- ANJOS, A. **Lavrar a névoa**: o tempo em *Satolep*, de Vitor Ramil. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPel, 2020.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Vol. I. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução: Maria Novak e Maria Neri, revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste**: l'invention du discours. Paris: In Press Eds, 2006.
- DESSONS, Gérard; MESCHONNIC, Henri. **Traité du rythme – des vers et des proses**. Nathan: Paris, 2003.
- GAGNEBIN, J. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- GAGNEBIN, J. Do Conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou Verdade e Beleza. **KRITERION**, n. 112, Belo Horizonte, p. 183-190, 2005.
- LÖSENER, Hans. Saussure e a historicidade da língua. **Revista Odisseia**, v. 6, n. 1, p. 1-17, 11 jun. 2021. Tradução: Aroldo Garcia dos Anjos.
- MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme : anthropologie historique du langage**. Lonrai: Éditions Verdier, 2009.
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- YUN, Mi-Ae. **Walter Benjamin als Zeitgenosse Bertolt Brechts: Eine paradoxe Beziehung zwischen Nähe und Ferne**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.